

Senhor, dá-me todos os que estão sós

As estatísticas que nos mantêm diariamente informados sobre a propagação da pandemia no mundo e as imagens que nos chegam dos países mais atingidos, despertam em nós sentimentos semelhantes aos expressos na seguinte oração de Chiara Lubich. Até mesmo o nosso planeta, cada vez mais sofredor, chama e espera o nosso amor ativo e decisivo.

“Senhor, dá-me todos os que estão sós... Senti no meu coração a paixão que invade o teu por todo o abandono em que se encontra imerso o mundo inteiro.

Amo cada ser doente e que está só: também as plantas sem viço me causam dó..., também os animais que estão sós.

Quem consola o seu pranto?

Quem tem compaixão de sua morte lenta?

E quem estreita ao próprio coração o coração desesperado?

Dá-me, meu Deus, que eu seja no mundo o sacramento tangível do teu Amor, do teu ser Amor: que eu seja os braços teus que estreitam a si e consumam em amor toda a solidão do mundo.”

Chiara Lubich

Escrito de 1 de setembro de 1949, in Chiara Lubich, Ideal e Luz, Editoras Cidade Nova e Brasiliense São Paulo, 2003, pag 86.



Caros leitores!

Ficamos um pouco surpresos com a enorme repercussão que o início das gravações em Trento do primeiro filme para televisão sobre Chiara Lubich (ver p. 3) que será lançado no outono italiano na RAI1 causou na imprensa da Itália. Também ficamos sabendo que outra produção para TV sobre Chiara está sendo preparada. E regularmente são escritos

artigos dedicados a Chiara e são feitas transmissões no rádio sobre ela. De uma certa forma, o programa do Centenário de Chiara “fugiu” das nossas mãos devido à pandemia: vários eventos foram adiados e muito da programação mudou. Mas parece que Chiara mesma está levando o centenário para frente. E isso não é consolador?

Joachim Schwind

Departamento de Comunicação dos Focolares



Von der Leyen à New Humanity e MPPU dos Focolares

“Para alcançar os objetivos dos pais e das mães que fundaram uma verdadeira aliança, na qual a confiança mútua torna-se força comum, devemos fazer as coisas certas juntos e com um único grande coração, não com 27 pequenos corações”. Assim Ursula Von der Leyen, Presidente da Comissão Europeia, em uma carta à ONG internacional New Humanity e ao Movimento Político pela Unidade.

Os responsáveis pela ONG New Humanity e a sua seção política, MPPU, componentes civil e política do Movimento dos Focolares, haviam escrito à Presidente da Comissão Europeia para encorajar o trabalho comum no enfrentamento à pandemia de Covid 19, e para garantir o apoio de ideias e projetos inclusive na fase de construção da Conferência sobre o futuro da Europa.

A presidente Van der Leyen salientou, em sua resposta, como a União Europeia tenha garantido a maior resposta já dada a uma situação de crise e de emergência da União, com a mobilização de 3.4 trilhões de euros.

A presidente afirmou ainda que “a atual mudança de contexto geopolítico oferece à Europa a oportunidade de reforçar o seu papel único de liderança global responsável”, cujo sucesso “dependerá da adaptação, nesta época de desagregação rápida e de crescentes desafios, ao

modificar-se da situação, permanecendo porém fiel aos valores e aos interesses da Europa”.

Com efeito, a Europa, salienta a presidente em sua carta, “é o principal prestador de ajuda pública ao desenvolvimento, com 75,2 bilhões de euros em 2019. Na sua resposta global à luta contra a pandemia, a EU comprometeu-se em garantir inclusive um apoio financeiro aos países parceiros, com um valor superior a 15,6 bilhões à disposição para a ação externa. O que inclui 3,25 bilhões de euros para a África. A UE apoiará ainda a Ásia e o Pacífico com 1,22 bilhões de euros, 918 milhões de euros em apoio à América Latina e Caribe, e 111 milhões de euros em apoio aos países ultramarinos”. Além disso, prossegue a presidente da Comissão UE, “a União Europeia e os seus parceiros lançaram o Corona Vírus Global Response, que até agora registra compromissos assumidos de 9,8 bilhões de euros de doadores em todo o mundo, com o objetivo de aumentar ulteriormente o financiamento ao desenvolvimento da pesquisa, diagnose, tratamentos e vacinas contra o corona vírus”.

A carta da Presidente Ursula Von der Leyen a New Humanity e o Movimento Político pela Unidade se conclui com o convite à confiança mútua entre os países da União Europeia e a ser um único grande coração.

Stefania Tanesini



O primeiro filme para televisão sobre Chiara Lubich

No outono italiano, será lançado na RAI UNO, a primeira rede nacional de televisão italiana, o filme sobre Chiara e o início do Movimento dos Focolares.

“Uma garota comum pode mudar o mundo somente com a força de seu sonho e sua crença?” – é sob essa perspectiva que o diretor italiano Giacomo Campiotti contará a história de Chiara Lubich, uma professora trentina muito jovem, com pouco mais de vinte anos, que vivia no desconforto e no desespero que os bombardeamentos da Segunda Guerra Mundial causavam. Sentiu que foi chamada a construir um mundo melhor, um mundo mais unido. Desde então, colocou como meta pessoal construir pontes entre os homens independentemente da raça, nação ou crença religiosa a que pertenciam.

Será um filme biográfico para televisão, a primeira adaptação para TV sobre Chiara Lubich e será focada nos primeiros anos, que vão de 1943 até 1950. É uma coprodução de Rai Fiction e Casanova Multimedia, produzida por Luca Barbareschi. Quem interpretará Chiara será a famosa atriz italiana Cristiana Capotondi; o elenco também contará com Sofia Panizzi e Valentina Ghelfi. As gravações começarão daqui a poucos dias no Trentino e iniciará naqueles “tempos de guerra” em que “tudo desmoronava” e somente Deus permanecia, como contou Chiara mesma em uma das primeiras vezes em que falou sobre o nascimento do Movimento dos Focolares.

“Hoje, a força de uma figura como a de Chiara”, afirma o comunicado de imprensa, “nos faz olhar o outro como uma possibilidade, um dom, um portador de uma semente de verdade a ser valorizado e amado, mesmo que esteja distante. A fraternidade universal como pressuposto de diálogo e paz. A mensagem de Chiara não pertence só ao mundo católico e sua figura contribuiu para valorizar a mulher e seu papel também e sobretudo fora da instituição eclesiástica”.

Portanto, mostrará os primeiros anos, aqueles de fundação, nos quais Chiara compreende a estrada que Deus pede que ela siga e começa a percorrê-la, seguida sempre por um grupo cada vez mais numeroso de pessoas que, partindo da Itália, percorrerão os caminhos do mundo inteiro. Mas também será uma viagem para dentro do contexto histórico, social e eclesiástico em que Chiara estava – ou seja, aquele da Segunda Guerra Mundial, dos primeiros anos do pós-guerra e dos burburinhos pré-concílio que agitariam o catolicismo.

▼ Photo by Federica Di Benedetto



O diretor e os autores também têm o desejo de mostrar “a moça revolucionária que compartilha tudo com quem precisa”, conforme se lê na notícia ANSA do último dia 27 de julho. “Como lê o evangelho sem a presença de um sacerdote, torna-se tão perigosa para a sociedade da época que é obrigada a prestar contas da sua obra ao Santo Ofício e passa pela prova mais difícil de sua vida quando lhe é pedido que deixe de conduzir o Movimento dos Focolares. Mas não é possível parar os efeitos da pedra jogada no rio e os círculos formados ficavam cada vez maiores, então, quando anos mais tarde Paulo VI a restabelece, o Movimento dos Focolares já estava difundido em todo o mundo.”

Stefania Tanesini



Empresários na época do coronavírus

Empresas em grave crise, milhares de empregos perdidos: a fase de fechamento atingiu duramente a economia europeia. Apesar disso, muitos empresários não estão desistindo. Andrea Cruciani, italiano, questionou-se sobre como cuidar de seus funcionários.

De que modo os empresários passaram pela fase de lockdown de emergência por causa da Covid-19? Falamos sobre isso com Andrea Cruciani, CEO da di TeamDev e Agricolus, empresas italianas e start-ups ligadas ao projeto para uma Economia de Comunhão (EdC).



Como vocês viveram essa fase de lockdown?

“Antes do fechamento, não tivemos problemas. A TeamDev vem crescendo 20% ao ano, há 12 anos, e empregamos cerca de cinquenta pessoas. Em meados de fevereiro, tínhamos

feito algumas operações para antecipar os custos no banco, mas com o bloqueio chegamos no final de março e não tínhamos mais nenhuma liquidez. Foi a primeira vez que me vi sem dinheiro e sem alternativas.

Tivemos que optar pelo fundo de despedimento e lamento porque sempre investimos com especial atenção no bem-estar corporativo.

Assim, nos deparamos com alguns funcionários assustados e sem confiança em nós. Para mim, perder a confiança mesmo que fosse de um único funcionário era um grande sofrimento.

Lentamente, tentamos encontrar uma solução para as necessidades de todos e, assim que o dinheiro entrou nos cofres da empresa, conseguimos complementar o fundo de despedimentos pagando aos funcionários através de um prêmio, chamado “prêmio Covid”. No final, pudemos dar o mesmo salário a todos. Eles entenderam que não havia má fé de nossa parte”.

O que esta experiência lhe ensinou?

“Conheci a fragilidade em construir uma relação autêntica com os funcionários e associados. É muito importante construir uma relação autêntica, baseada na confiança. Ficamos surpresos com a reação de alguns deles, que arrancaram suas melhores energias para contribuir para o bem comum. Este período trouxe à tona a mais verdadeira humanidade nas relações”.

Que conselho você daria a outros empresários para cuidar dos recursos humanos?

“Deixem-me contar-lhes uma história. Há três anos, eu queria promover um funcionário, confiando-lhe uma filial da empresa. Mas esta pessoa não aguentou e, depois de um tempo, mudou de emprego. Naquela ocasião, percebi que o que eu espero da vida para mim não é o que os outros esperam. Ele nem se importava em receber um aumento de salário, mas não queria ter essa carga psicológica. Depois dessa experiência, começamos a colocar em prática algumas ferramentas mais eficazes”.

O que você quer dizer com isso?

“Antes de tudo, fizemos um treinamento com um técnico, para que nos ajudasse a manter um espírito comum entre todos. Então, começamos a melhorar o ambiente de trabalho com coisas simples como conseguir frutas frescas para o lanche, ou conseguir frutas



da estação das hortas da Caritas para que todos pudessem levar para casa (sem custo) o que precisassem. Também ativamos uma previdência social integrativa, mesmo que durante vários anos já tivéssemos iniciado uma pensão complementar, e várias outras ferramen-

tas, como horários flexíveis para atender as famílias... Parece-nos a melhor maneira de cuidar das pessoas que trabalham para nossas empresas. Assim, procuramos garantir o crescimento de cada pessoa, para que possa dar o melhor de si”.

Como você vê o futuro da economia em geral?

“Vejo um futuro onde será cada vez mais necessário ler o momento presente e ser capaz de dar chaves de leitura para o futuro também. Para nós empresários da EdC, Chiara Lubich foi uma profeta, porque ela nos ensinou como cuidar dos funcionários e das empresas. Algumas coisas que ela nos disse agora já estão previstas por lei, mas para muitas outras a lei não é necessária, porque é uma questão de consciência e de amor.

Lorenzo Russo

Evangelho vivido: **Era tentado a emigrar**

Especialista em doenças infecciosas, por causa das estruturas sanitárias carentes, da escassa higiene e dos salários insignificantes, eu estava tentado a emigrar como muitos colegas. Todavia, após ter refletido com a minha mulher, decidi continuar o serviço aos irmãos no nosso país. Com o apoio de amigos cristãos no exterior, foi possível construir uma estrutura sanitária completa de laboratório de análises e garantir medicamentos específicos também para os mais pobres. Além do desenvolvimento de atividades produtivas para melhorar a alimentação básica, se procurou também assegurar um apoio psicossocial aos doentes e às suas famílias.

(M.- República Democrática do Congo)

*(tirado do Evangelho de hoje,
Cidade Nova, ano VI, n.4, julho-agosto de 2020)*





Nas livrarias, a biografia de Pasquale Foresi

Introvertido, de uma inteligência lúcida, teólogo de vanguarda e primeiro Copresidente dos Focolares: acabou de ser publicado – por enquanto em italiano – o primeiro volume da biografia de Pasquale Foresi, elaborada por Michele Zanzucchi. Conta a história de um homem, os primórdios dos Focolares, um corte transversal de história que tem muito a dizer ao Movimento, à Igreja e à sociedade de hoje.

Foi publicado no dia 9 de julho passado **“In fuga per la verità”**, a primeira biografia de Pasquale Foresi, que Chiara Lubich definiu cofundador dos Focolares, junto com Igino Giordani. Trata-se da documentadíssima narrativa da primeira parte de uma existência intensa – de 1929 a 1954 – pouco conhecida inclusive pelos próprios membros dos Focolares, seja pelo caráter reservado, seja pelo estilo de cogovernança – diríamos hoje – que Foresi encarnou. Um texto de grande interesse, publicado por enquanto em italiano (mas estão “no forno” as versões em inglês, francês e espanhol), constelado de fatos inéditos, fluente como um romance, que conta a parábola de vida de Foresi, relê a partir da sua perspectiva os primórdios dos Focolares, a pessoa de Chiara Lubich e faz refletir inclusive sobre a atualidade deste movimento mundial, a quase 80 anos do seu nascimento.

Mas quem foi Pasquale Foresi e o que representou **para a juveníssima fundadora dos Focolares?**

Perguntamos isto ao autor da biografia, Michele Zanzucchi, jornalista e escritor, ex diretor de Città Nuova [Cidade Nova italiana]. Um trabalho atento e aprofundado, o seu, que durou dois anos e meio sobre

papéis, textos, livros, discursos além da bagagem de um conhecimento direto e estreito com Foresi.

“Quando encontrou Chiara Lubich, nas festividades natalinas de 1949, Foresi era um homem jovem de vinte anos que vivera uma vida muito mais adulta do que a sua idade, nisso “preparado” para colaborar com a fundadora. Filho de uma família de Livorno – pai professor, na época, e homem de ponta do laicato católico, depois deputado, e mãe dona de casa, três irmãos e irmãs –, Pasquale, desde a infância, manifestou uma inteligência prático-teórica fora do comum. No dia do armistício, 8 de setembro de 1943, recém completado os 14 anos, fugiu de casa «para prestar algum serviço à Itália». Bem cedo, recrutado pelos Camisas-negras e depois, à força, pelos próprios nazistas, combateu, dentre outros locais, em Cassino, antes de fugir libertando desertores condenados à morte. Lá começou a sua conversão filosófico-religiosa. Terminou a guerra junto com os partigiani [guerrilheiros da Resistência italiana], para entrar logo depois no seminário em Pistoia, e dois anos mais tarde no prestigioso Colégio Caprânica de Roma. Mas foi embora dali, não compartilhava a incoerência de muitos eclesiásticos em relação ao Evangelho. Coerência que, no entanto, encontrou na Lubich e nos seus amigos. No arco de um mês, a professora de Trento entendeu que Deus lhe enviara aquele jovem para que a ajudasse na realização da obra de Deus que já estava nascendo. Foresi cooperou com ela na realização das convivências entre virgens, na aprovação do Movimento, por parte da Igreja, na construção de centros e cidadezinhas, na abertura de editoras e

revistas, na inauguração de centros universitários... Desde aquele dia, a Lubich permaneceu fiel ao papel que Deus confiara a Foresi, e nunca mais o abandonou, nem mesmo quando, acometido por uma grave doença cerebral já em 1967, com apenas 38 anos, desapareceu da vida pública. Para ela, Pasquale continuará sendo sempre um dos dois cofundadores do Movimento, aquele com o qual ela se confrontava para cada decisão a ser tomada”.

Que tipo de sacerdote foi? Qual era a sua visão da Igreja?

“Numa formação muito tradicional sobre os sacramentos e sobre a vida sacerdotal, eu diria neoescolástica, Foresi ajudou a Lubich na elaboração de uma ideia original de aplicação do presbiterado, a ideia de um “sacerdócio mariano” despojado do “poder” e animado somente por um enraizamento profundo no sacerdócio real de Jesus. Ainda hoje, tal ideia de sacerdócio está em curso de aplicação e experimentação. Para Foresi, em especial, o sacerdote devia ser um campeão em humanidade, um homem-Jesus. A visão subjacente da Igreja está ligada a uma perspectiva profeticamente conciliar: a Igreja povo de Deus, a Igreja-comunhão, naturalmente sinodal, com uma valorização (que não significa minimamente desvalorizar as presenças tecnicamente “sacramentais” do Cristo na sua Igreja) da presença de Jesus na humanidade de modos mais “leigos”, em particular da presença prometida pelo Jesus de Mateus: «Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles» (Mt 18, 20)”.

Por que Chiara Lubich confiou justamente a Foresi, e não a um leigo, a realização de algumas obras dos Focolares, as assim chamadas “concretizações”, como o centro internacional de Loppiano, o nascimento da editora Cidade Nova...

“Teria sido bom apresentar a pergunta à interessada... Todavia, noto que o outro cofundador do Movimento era Igino Giordani, leigo, casado, deputado, jornalista, ecumenista. Conheceu a Lubich, além do mais, já em 1948. Nele, a fundadora viu a presença “da humanidade” no coração do seu carisma. Portanto, o tiburtino significou para a Lubich a abertura radical ao mundo, seguindo a oração sacerdotal de Jesus: «Que todos sejam um» (Jo 17, 10). Mas a Lubich, em Foresi – além do mais de índole mais “concreta” do que o “idealista” Giordani – viu aquele que lhe daria apoio praticamente na construção da sua obra. Foresi, deve

MICHELE ZANZUCCHI

IN FUGA PER LA VERITÀ PASQUALE FORESI - LA BIOGRAFIA

Prima parte (1929-1954)



CITTÀ NUOVA

ser dito, nesta sua característica era extremamente “leigo”, embora tendo bem claro que a missão do Movimento era antes de tudo eclesial, e que na sua realização não se podia prescindir dos eclesiásticos”.

Arrisquemos uma suposição: se Foresi estivesse vivo hoje, o que diria aos Focolares, no que os convidaria a mirar?

“É arriscar realmente. Creio que convidaria o Movimento à necessária ‘atualização’, olhando para o estado nascente do Movimento. Por isso, o convidaria a reler e aplicar as intuições místicas da fundadora de 1949-1951, mas também a olhar de novo atentamente o processo de realização concreta do Movimento, acontecido sobretudo no período 1955-1957, em que outras iluminações foram dadas à Lubich, direcionadas à concretização das intuições místicas precedentes”.

Stefania Tanesini



EUA: entrar no “pecado original do racismo”

As duas crises que estão abalando o país, pandemia e racismo, poderiam levar a um futuro melhor. Uma participação de Susanne Janssen, diretora da revista Living City.

O racismo é um vírus que nunca foi erradicado dos Estados Unidos. Depois da Guerra Civil (1861-1865), a escravidão foi abolida no papel, mas ainda hoje pessoas negras e brancas não são tratadas da mesma maneira. A morte de George Floyd trouxe à tona o problema. Após os oito minutos atrozos em que Floyd implorou pela sua vida serem filmados, não era mais possível afirmar que a culpa fosse somente da vítima; esse vídeo, juntamente com outras tantas pessoas (não só afro-americanas) que se uniram durante as manifestações contra o racismo, representam um sinal que dessa vez havia algo diferente. Esperamos que o que aconteceu não acabe sendo somente uma onda de protestos, mas que traga uma verdadeira mudança.

O papel da Igreja

Depois de alguns dias de silêncio, a Igreja se posicionou a favor daqueles que protestam contra o racismo. O cardeal de Boston, Sean O’Malley, escreveu que o homicídio de George Floyd “é uma prova dolorosa daquilo que é e foi para os afro-americanos o fracasso de uma sociedade que não está preparada para proteger a vida deles e de seus filhos. As manifestações e os protestos desses dias foram pedidos de justiça e expressões agonizantes de uma profunda dor emocional da qual não podemos nos distanciar”. A conferência episcopal dos Estados Unidos afirmou que o racismo é como o pecado original dos Estados Unidos, que acompanha o crescimento da nação e a impregna até hoje. Os espaços de reflexão estão se intensificando na igreja e na sociedade.

Os primeiros passos

Com o slogan “cortar os recursos”, pretende-se ir além de uma simples operação de reestruturação da polícia. A intenção é começar tudo de novo e dar vida a uma polícia mais sintonizada com os cidadãos. Nos últimos anos, fala-se muito da sua progressiva militarização, mas, na verdade, também deve-se dizer que muitos dos deveres que cumpre caberiam aos assistentes sociais.

Diferentemente dos casos de violência contra afro-americanos que ocorriam no passado, atualmente muitas pessoas procuram aprender, escutar e confrontar o passado, concentrando a reflexão nos problemas estruturais que permaneceram depois da abolição da escravidão e naqueles ligados à segregação, como as assim chamadas leis de Jim Crow e a lei sobre direitos civis de 1964.

Sim, porque encarar os preconceitos que estão dentro de cada um e os privilégios sociais de que gozam os brancos já é um primeiro passo. Dois autores, Ibram X. Kendi e Robin DiAngelo, afirmam que é necessário um passo que vá além de “ser uma boa pessoa”. É preciso, em vez disso, combater as estruturas de



opressão. Ainda hoje, em uma situação cotidiana como uma blitz policial, a cor da pele pode fazer a diferença entre a vida e a morte.

A contribuição do Movimento dos Focolares

Em primeiro lugar, as comunidades do Movimento dos Focolares estão examinando se internamente há discriminação e racismo. O pensamento do Movimento sobre a justiça racial é um ponto de partida para começar um diálogo sincero entre nós e com as pessoas ao nosso redor.

Vamos dar espaço para os testemunhos dolorosos de racismo, mas também para as experiências de quem cresceu em um contexto de privilégio dos brancos e tenta começar um processo de reconhecimento dos próprios limites. Essas conversas não são fáceis, mas são necessárias para reconstruir relacionamentos verdadeiros.

“Se não ficarmos atentos, acabaremos aceitando os princípios da retórica comum sobre a diversidade que muitas vezes apoia os privilégios e acentua as diferenças”, afirma uma docente latina negra. Um acadêmico de mais de 80 anos contou como teve de

aprender a ser mais aberto em sua vida, sobretudo quando uma de suas filhas se casou com um jamaicano: “Pensei que seus filhos sofreriam discriminação. Mas agora vejo como são um exemplo luminoso para muitas pessoas”.

O papel dos jovens

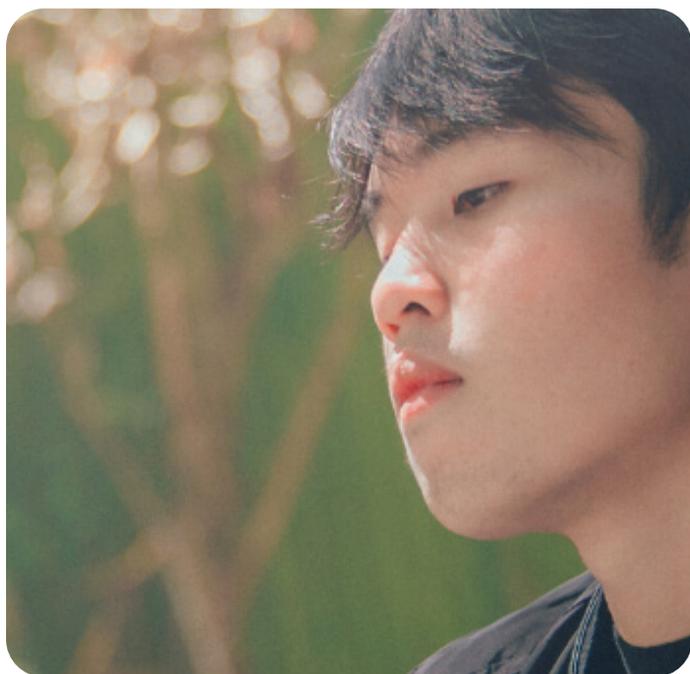
Os jovens estão na linha de frente e pedem uma mudança de mentalidade. Uma jovem mestiça diz: “Quero ajudar meus irmãos e irmãs para que sejamos mais ouvidos, do contrário, me arrependerei por toda a minha vida...”.

O slogan “Black Lives Matter”, que uniu tantas pessoas e encheu as ruas, também é alvo de polarização. Não raramente, nos deparamos com mensagens que procuram desacreditar quem luta por mais justiça, mas pouco a pouco nota-se uma mudança na opinião pública. De fato, muitas pessoas condenam o modo com o qual o presidente Donald Trump lidou com as crises recentes: a pandemia e o racismo estrutural. Por enquanto, o candidato do Partido Democrático, Joe Biden, tem uma vantagem nas sondagens de 13%, mas ainda é cedo para dizer como estará a situação em novembro, quando os estadunidenses irão às urnas.

Susanne Janssen, diretora da revista Living City

Evangelho vivido: Racismo

Eu cursava os anos finais do ensino fundamental; as aulas e as tarefas iam bem, mas não o relacionamento com os colegas da sala. Um dia, eu estava acabando as tarefas de ciências, quando um deles começou a me insultar pelo fato de que sou asiático. Àquela irrupção racista não soube como reagir: fiquei mudo e com o único pensamento de me vingar. Depois, um estranho pensamento atravessou a minha mente: “Agora é a sua ocasião”. Precisei de um pouco de tempo para entender o seu significado. Mas após algum tempo, se esclareceu para mim: “Agora é a sua ocasião para amar os inimigos”. Gostaria de fingir que não era nada, em defesa da minha identidade asiática. Até porque amar o meu inimigo me parecia alimentar o negativo. Após ter tomado um pouco de tempo, muito incerto sobre a decisão a ser tomada, concluí que não diria nada. Forcei o meu coração enraivecido para que perdoasse e ofereci a minha ferida pessoal a Jesus, que tinha sofrido tanto na cruz. Depois da experiência de perdão do meu inimigo, sinceramente experimentei uma felicidade jamais provada antes. (James – EUA)



(tirado do Evangelho de hoje, Cidade Nova, ano VI, n.4, julho-agosto de 2020)

Maria Voce: salvar o mundo com o amor

O que aprendemos com a pandemia? Com quais instrumentos construir um mundo novo? Qual é a contribuição específica de cada um de nós? O diálogo espontâneo de Maria Voce, no dia 16 de julho passado, com uma comunidade dos Focolares.

Desde alguns anos, o dia 16 de julho é sempre uma celebração dupla para as comunidades dos Focolares no mundo: lembramos o especial pacto de unidade que Chiara Lubich viveu com Iginio Giordani em 1949 e também o aniversário da sua presidente, Maria Voce. Também neste ano, o momento de festa para ela se transformou em uma ocasião de diálogo espontâneo e informal para falar de coração aberto com os presentes sobre o significado daquele dia especial, sobre a vida dos Focolares nestes últimos tempos e sobre a contribuição do carisma da unidade neste período tão crucial para a humanidade. As expressões de felicitações e de afeto que ela recebeu foram numerosíssimas e do mundo inteiro, por isso Maria Voce deseja agradecer particularmente a cada um. Publicamos abaixo uma parte do seu diálogo, anexando também alguns flashes das filmagens amadoras daquele momento.

“(…) também essa pandemia nos deu uma grande lição, não é? Temos que reconhecer. Ela nos fez sofrer, ainda está nos fazendo sofrer? Não sabemos quantas consequências dolorosas ainda podem advir dessa pandemia, não é? Porém também foi uma grande lição. A principal lição foi a de nos dizer: vocês são todos iguais. Vocês são todos iguais: ricos, pobres, poderosos, miseráveis, crianças, adultos, imigrantes... vocês são todos iguais. Primeira coisa.

Segunda coisa: vocês são todos iguais, porém há alguém que sofre mais, apesar da igualdade. Então, como é que vocês são todos iguais? Vocês são todos iguais porque Deus fez todos iguais; muito diferentes uns dos outros, mas todos filhos seus, todos criados por ele com o mesmo amor, um amor imenso. Depois vieram os homens e começaram a fazer as distinções, ainda hoje continuamos a fazer as distinções: este sim, este não; este vale mais, este menos. Este pode me dar alguma coisa, este não pode me dar nada; este me explora, este não... e começamos a fazer as distinções e o que acontece nas distinções?

Acontece que existem os países onde existem os hospitais bem equipados e aqueles onde não existem; existem os países onde têm as máscaras para todos e existem aqueles onde não têm.

Existem países, também na nossa Itália, onde chega a fibra ótica e podem estudar à distância, e existem países onde não há. Portanto: todos iguais diante de Deus e nem todos iguais diante dos homens, nem todos iguais para o coração dos homens. Isso também acontece conosco? Talvez eu também às vezes gosto mais de estar com uma pessoa do que com outra e faço essa diferença entre uma pessoa e outra, eu também percebo isso. E então, realmente vivo o pacto se sou assim? Ou seja, aquele pacto que me diz para estar pronta realmente a dar a vida um pelo outro? Mas não o outro de quem eu gosto, mas o outro, quem quer que seja.

Hoje se diz que se deve criar um mundo novo, a humanidade, todos dizem que é preciso fazer um mundo novo. Aí está, nas devidas proporções, Chiara criou um mundo novo; nas devidas proporções, a família de Chiara espalhada no mundo é um mundo novo. Naturalmente, é uma tentativa, é um esboço, um pequeno sinal, porém significa que é possível. Então, se foi possível fazê-lo em miniatura, porque esse pequeno grupo – que depois é relativamente pequeno porque existem algumas centenas de milhares de pessoas espalhadas no mundo – esse pequeno povo, que é o povo de Chiara, não está à disposição de todos para dizer que o mundo novo é possível?

É possível: devemos estar convencidos de que é possível e depois, qual era a senha de hoje? ‘Acreditar na força do amor’. Por isso, antes de tudo: acreditar que o amor é uma força. Experimentamos isso? Sim, experimentamos muitas vezes. Mas agora, baixou um pouquinho; o termômetro do amor baixou. Vamos colocar um pouco de mercúrio para fazê-lo subir! Façamos com que volte a aumentar o amor e veremos que tudo aumenta. Seremos essa realidade que passa pelo mundo, que beneficiaremos, sem precisar ir dizer: ‘Sabe, nós fazemos assim, venha conosco porque nós somos assim’. Não, nós somos aqueles que somos, somos como os outros; somos pobres coitados como todos, porém vivemos o paraíso e não queremos sair do paraíso, mas queremos estar com os outros, não queremos estar entre nós no paraíso. Queremos levar esse paraíso aos outros, não queremos mantê-lo para nós, porque seria cômodo... e depois, o mundo que se dane. Não! O mundo deve se salvar, devemos salvar o mundo com o nosso amor”.

Stefania Tanesini



A “experiência” da **Mariápolis Lia** se torna curso universitário

A escola da Mariápolis permanente argentina, que há cinquenta anos vem formando milhares de jovens do mundo inteiro, apresenta-se agora como “programa de extensão universitária e de formação profissional”.

Até pouco mais de um mês poderia ser definido como uma espécie de mestrado em “vida no estilo da cultura da unidade”, mas agora a “experiência”, como sempre foi definido o curso anual para jovens da Mariápolis Lia, na Argentina, possui uma certificação universitária.

O novo programa de estudos é resultado da elaboração conjunta entre as equipes pedagógicas da Fundação Centro Latino-americano para a Evangelização Social (CLAdES) e a Escola Juvenil Mariápolis Lia, em acordo com a Universidade Nacional do Nordeste da Província de Buenos Aires (Unnoba).

O “programa de extensão universitária e de formação profissional” – este é o título acadêmico que os estudantes obterão em O’Higgins – combina a dimensão de formação integral segundo quatro eixos temáticos: antropológico-filosófico, histórico-cultural, comunitário e transcendente. Tem a duração de 11 meses e quem o completa terá acesso à extensão universitária e estará credenciado à formação profissional com três possíveis orientações: educação, responsabilidade ecológica e gestão multicultural; liderança da comunidade e desenvolvimento dos processos participativos; arte, comunicação e produção multimídia. A proposta formativa desenvolve-se por meio de seminários especializados, estágios de trabalho e pesquisas aplicadas em campo, a partir dos valores do pensamento social cristão.

Prevê-se ainda uma próxima integração com a seção latino-americana do Instituto Universitário Sophia.

Situada nos arredores de O’Higgins, na província de Buenos Aires, a Mariápolis Lia oferece aos jovens uma experiência formativa que integra trabalho, estudo, atividades culturais e recreativas, esporte e interesses particulares. Essas atividades são compreendidas como diferentes aspectos de uma única formação integral. Com efeito, o conceito de estudante coincide com o de cidadão e, portanto, presume-se que todos sejam construtores da cidade.



Uma equipe de especialistas e de professores nas diferentes disciplinas os acompanha na aprendizagem, do ponto de vista espiritual, antropológico, social e doutrinal.

Os mais de 6 mil jovens que passaram um período na Mariápolis são, eles mesmos, a prova do seu valor formativo para a sua vida, feito frutificar em vários ambientes (empresários, economistas, educadores, profissionais, operários, pais, pessoas consagradas...). A “experiência” permanece um ponto luminoso por todo o percurso da vida, contribuindo na superação de circunstâncias humanas e profissionais difíceis.

Stefania Tanesini



Cinco anos da Encíclica “Laudato si”

Cinco anos após a publicação da Encíclica do Papa Francisco, o paradigma da ecologia integral orienta a leitura deste tempo de pandemia. Entrevista com Luca Fiorani, coordenador de EcoOne.

Desde a publicação de Laudato Si, a Encíclica do Papa Francisco sobre os cuidados do planeta, passaram cinco anos. Falamos sobre este assunto com Luca Fiorani, professor nas universidades de Lumsa, Marconi e Sophia, investigador da Agência nacional para as novas tecnologias, energia e desenvolvimento económico sustentável (Enea, Italia) e coordenador da EcoOne, rede ecológica do Movimento dos Focolares.

Em tempos de pandemia, que lições podem vir da Laudato Si e do seu paradigma de ecologia integral? Eu penso no “tudo interligado”. Antes da pandemia, o Papa fez-nos saborear o seu lado positivo, isto é, a maravilhosa relação que existe entre os elementos naturais, incluindo a pessoa. A pandemia, por outro lado, sublinhou o lado negro deste “tudo interligado”, porque a atividade humana, que levou à destruição de habitats naturais, e o salto de espécies do vírus de animal para homem estão ligados.

Qual é o fundamento evangélico do compromisso com o cuidado da Criação? É o “Ama o teu próximo como a ti mesmo”. Um dos conceitos-chave do Laudate é “ouvir tanto o grito da terra como o grito dos pobres”. É verdade que para o Evangelho a natureza tem valor em si mesma, mas também é verdade que cuidar da natureza significa assegurar um planeta saudável para os mais desfavorecidos e para os nossos filhos. Significa lembrar-nos dos “milhões mais baixos”, esses milhões de pessoas que são vítimas de uma “pandemia crônica” devido a 17 doenças tropicais negligenciadas.

O conceito de ecologia integral pode orientar os caminhos futuros? Este é o conceito fundamental de todo o ensino do Papa Francisco, que nos convida a superar o

atual sistema sócio-económico. Hoje vivemos no paradigma da revolução industrial, que considera os recursos naturais ilimitados. Estes recursos, pelo contrário, são limitados e, por conseguinte, precisamos encontrar um modelo diferente de desenvolvimento que também tenha em conta as necessidades dos povos esquecidos pelas sociedades ditas “evoluídas”.

O Laudate apela a uma “conversão ecológica”. O que significa viver os princípios da ecologia integral? A ecologia integral diz respeito não só ao ambiente, mas a todos os aspectos da vida humana, à sociedade, à economia e à política. Portanto, cada um de nós deve tentar mudar as suas vidas a partir, por exemplo, das escolhas dos consumidores. Depois podemos também escolher governadores sensíveis aos cuidados da natureza e fazer campanhas de pressão para o desinvestimento em combustíveis fósseis em favor dos renováveis.

Neste ano especial das celebrações da Laudato Si, com que iniciativas estará presente o Movimento dos Focolares? O Movimento participa nas iniciativas da Igreja Católica e nos eventos promovidos pelo Movimento Católico Global pelo Clima, ao qual adere. Além disso, organiza a conferência “Novos caminhos para a ecologia integral” que será realizado em Castel Gandolfo (RM) de 23 a 25 de outubro, cujos pormenores estão disponíveis em www.ecoone.org.

O seu último livro intitula-se “Il sogno (folle) di Francesco”. Um pequeno manual (científico) de ecologia integral. Porque é que se fala de um sonho louco? Porque parece verdadeiramente impossível mudar o curso deste planeta, para um mundo onde todos nos sentimos irmãos e construímos mais pontes do que muros, mas – como disse a fundadora do Movimento dos Focolares Chiara Lubich – “só aqueles que têm grandes ideais fazem história”!

Lorenzo Russo



Maria Voce sobre “Chiara-hoje”

Será lançado hoje, por enquanto, em italiano, “Luce che avvolge il mondo” [Luz que envolve o mundo], o novo livro de Maria Voce publicado pela Editora Cidade Nova italiana. Uma profunda e corajosa reinterpretação dos pontos fundamentais da espiritualidade da unidade à luz das solicitações dos homens e mulheres do nosso tempo e do futuro próximo.

Luz que envolve o mundo é provavelmente o seu último livro como presidente e é preciso dizer que encontramos aqui, mais do que em qualquer outro texto produzido em 12 anos à frente do Movimento dos Focolares, todo o pensamento de Maria Voce: os pontos fundamentais de sua ação, o seu legado, mas também a sua experiência em tempos delicados após a morte de uma fundadora carismática como Chiara Lubich. Sim, porque neste volume que certamente merece uma leitura “lenta”, meditada e que requer o devido tempo para uma profunda reflexão, encontramos toda a adesão espiritual, cultural e vital de Maria Voce ao carisma da unidade. Contém uma série de discursos sobre os doze pontos principais da espiritualidade do Movimento dos Focolares, proferidos em várias ocasiões – Deus Amor, a Vontade de Deus, a Palavra, o irmão, o amor recíproco, a Eucaristia, a Unidade, Jesus Abandonado, Maria, a Igreja, o Espírito Santo, Jesus no meio – apresentados, anualmente, durante os seus dois mandatos.

“Maria, no entanto, não quis repetir, mas releer. – Explica o amigo André Riccardi, autor do prefácio. – Ela releu a mensagem e o carisma de Chiara em uma Igreja e em um mundo que mudou. Porque os movimentos espirituais crescem na profunda tensão entre a fidelidade às origens e ao carisma, por um lado, mas, por outro, na exploração da vida e da história de amanhã [...] um exemplo singular e excelente dessa fidelidade criativa necessária aos seguidores – especialmente se são líderes – dos fundadores e das fundadoras”.

Com qual espírito? Se pergunta Jesús Morán, copresidente, na introdução. Com o espírito da atualização: “Maria Voce não repete nesses seus temas aqueles feitos por Chiara no passado, mas os atualiza (...), ela nos doa a sua nova compreensão dos pontos da espiritualidade da unidade, haurindo diretamente da fonte da inspiração de Chiara Lubich. Enfatiza outros significados e faz ressoar tonalidades até então não expressas,

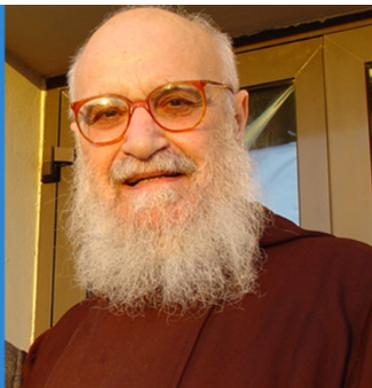
também motivada pelas perguntas que os membros do Movimento dos Focolares cada vez mais se colocam em contato com as vicissitudes da história atual da Igreja e da humanidade.

Página após página, são várias as perguntas mais ou menos explícitas que Maria Voce intercepta no povo dos Focolares de hoje, como por exemplo, esta: “*O que Deus pede às pessoas do Movimento? Pede que cada uma conquiste o próprio ambiente, envolvendo na unidade os mais próximos, mas se abrindo a todos os outros. Isso seria suficiente, como dizia Chiara ainda naquela circunstância. E evidenciava muito fortemente que Deus quer de nós sobretudo isso: que nos façamos um com o irmão que está perto de nós, com quem caminha conosco na vida, com quem conhecemos dia após dia, também – na medida do possível – através da mídia. Somos chamados a viver a unidade em todos os momentos da nossa vida, dia após dia, como aconteceu no início*”.

Também oferece a sua leitura diante das luzes e sombras na caminhada dos Focolares em um momento como este em que a pandemia colocou muitas coisas em questão tanto em nível pessoal quanto comunitário, também em vista da próxima Assembleia de 2021, quando o Movimento se encontrará para eleger a nova presidente e as funções de direção: “*Nesse período, parece-nos que Deus nos impulsiona para a frente, a fim de estender a sementeira em campos novos e mais amplos, sem temer a diminuição das forças ou a perda de posições alcançadas, mas assistindo com alegria à abertura de novos horizontes e ao florescimento de inúmeras pequenas células vivas da Igreja distribuídas no mundo, por toda parte onde dois ou mais estão prontos a se amar com esse amor recíproco, indo ao encontro dos homens, para que, como desejou o Papa Francisco, os homens encontrem Deus*”.

Uma leitura a ser cuidadosamente considerada hoje para nos enriquecermos com uma compreensão do presente e olhar para o futuro próximo com o otimismo típico de Maria Voce, que certamente não é ingênuo, porque fundamentado na palavra evangélica da unidade e da vida que dela floresceu no mundo inteiro.

Stefania Tanesini



P. Bonaventura Marinelli OFM.Cap
Italia
1920- 2020

O primeiro religioso filho espiritual de Chiara Lubich

Aos 100 anos de idade, faleceu o Padre Bonaventura Marinelli, OFM.Cap, o primeiro religioso que seguiu Chiara Lubich. As memórias de Padre Fabio Ciardi.

Eu o recordei poucos dias atrás, por ocasião de seu onomástico: Pe. Bonaventura Marinelli. No dia 1º de agosto de 2020 partiu para o Céu, aos 100 anos de idade, para festejar no paraíso o centenário de Chiara Lubich, sua inseparável coetânea. Que amizade profunda e fiel! Tendo morado em Trento, no convento dos Capuchinhos, de 1942 a 1946 – era um jovem padre, estudante de teologia - como gostava de dizer, foi “testemunha ocular, porém à distância”, dos primórdios do Movimento dos Focolares. À distância, porque naqueles anos não eram permitidos grandes contatos. No entanto, testemunha ocular, porque via como viviam aquelas admiráveis “terciárias franciscanas”.

“Depois do bombardeio de 1944 – ele narra longamente – estávamos sempre de olho em Chiara e suas companheiras. Elas vinham à Missa, não na nossa igreja, que tinha sido destruída pelos bombardeios, mas na sacristia, que era menor e nos deixava mais próximos. Lembro que me causavam sempre uma impressão muito profunda. Como natureza eu sou bastante tímido e tenho dificuldade de conversar, mais recordo que quando saía para ‘pedir esmolas’, durante o verão, a partir de 1943, para mim se tornava cada vez mais fácil encontrar as famílias, as pessoas, as crianças... e isso não se devia à minha natureza, este modo novo de reagir vinha da vida que eu via em Chiara e nas suas companheiras.

Em 1946 os meus superiores me enviaram à Suíça, para a universidade, eu já era sacerdote há um ano. Nos primeiros meses eu recebia cartas dos meus amigos, com quem havia feito o pacto de unidade. De repente, o vazio, o silêncio: tinha começado o inquérito do Santo Ofício, mas eu não sabia. O que me aconteceu foi que entrei,

progressivamente, em um inexprimível senso de desolação. Até o dia 23 de abril de 1948. Eu tinha ido a Trento para as eleições e naquela manhã, antes de voltar para a Suíça, encontrei-me com Chiara. Ela me recolocou na festa, mas de uma maneira mais profunda; entendi que o que vale é amar. Parecia tocar o céu com o dedo. Quando cheguei em Friburgo lhe escrevi uma carta, a primeira carta”.

Deste modo teve início uma correspondência que permitiu a Chiara comunicar tudo o que vivia naquele período. Graças a Pe. Bonaventura, temos hoje um patrimônio inestimável de escritos, alguns muito conhecidos, como a carta de 30 de março de 1948, quando Chiara lhe confidencia: “O livro de Luz que o Senhor vai escrevendo na minha alma tem dois aspectos: uma página resplandecente de misterioso amor: a unidade. Uma página resplandecente de misterioso sofrimento: Jesus Abandonado”.

Aquelas cartas testemunham o relacionamento profundo que logo se instaurou entre os dois. De 11 de maio de 1948: “A sua carta confirmou em mim um pensamento que havia tido, sobre a sua alma muito amada pelo Senhor, e gostaria, em um instante, em um relâmpago, de doar-lhe tudo o que é meu, tudo o que Deus edificou em mim desfrutando do meu nada, da minha fraqueza, da minha miséria. (...) O que quero lhe escrever hoje é que a unidade que Deus construiu, não devemos romper. (...) São Francisco não estará contente até que o senhor não o reviva, e não faça com que os seus confrades o revivam. Comece. Conseguirá”.

De 8 de setembro, sempre de 1948: “Quanta alegria a sua carta me transmitiu. Nela existe Jesus. Eu experimentei isso na sua sede de ‘vida’, no otimismo que contém e que pulula aqui e ali, especialmente na paz que gera o desejo de amá-lo mais, mais. Esteja certo de que – até que eu não deixe Jesus (e quando acontecerá? No Paraíso o terei ainda mais) – não deixarei de acompanhar, com olhar vigilante e cuidado fraterno, a sua alma”.

De 27 de janeiro de 1951: “*Não pode imaginar o quanto a sua alma esteja ‘penetrando’ (literalmente! Quase a ponto de sentir fisicamente o feito!) na minha*”.

Recordo a alegria de quando se encontravam e, com normalidade, falavam entre si em dialeto trentino... Eram coetâneos, mas ele sentia-se discípulo, e ela, sua mãe. Numa das primeiras cartas Chiara assinou simplesmente “s.m.”, que Bonaventura interpretou imediatamente como “sua mãe”. Ele respondeu assinando “s.f.” (*seu filho*), e Chiara compreendeu.

Uma focolarina lembra que ao cumprimentá-lo, em 2000, Chiara disse: “*o meu primeiro filho religioso!*”.

Uma vida longa, a do P. Bonaventura, que o teve como professor de Sagrada Escritura, tradutor, do alemão, de comentários bíblicos, com cargos importantes na sua Ordem: provincial, formador, definidor geral... Depois foi chamado, por Chiara, para dirigir o Centro internacional de espiritualidade para os religiosos, em Castelgandolfo (Roma), e em Loppiano, a Mariápolis permanente dos Focolares, na Itália.

Reservado e de extraordinária humildade, soube testemunhar o Ideal que Chiara lhe havia transmitido, sem ostentação e com sinceridade. “*Verdadeira criança evangélica, na sabedoria e simplicidade de vida*”, escreveu um confrade.

As recordações pessoais não faltam, a começar de quando fomos juntos ao Canadá, em 1978, por um mês inteiro, para animar uma escola de formação para religiosos. Depois, vivi em comunidade com ele, em Castelgandolfo. Entre outras coisas, no meu diário, com data 10 de novembro de 1999, quando já havia nos deixado para assumir outro encargo, falo de uma visita sua: “*Chega Bonaventura e é uma atmosfera de festa, como sempre*”. Impressionou-me este “*como sempre*”.

Mas talvez o momento mais extraordinário tenha sido o dia 18 de março de 2008, quando participamos juntos do funeral de Chiara, em Roma, na Basílica de São Paulo Fora dos Muros. No final da celebração pediu-me que o acompanhasse até o caixão, rompendo o rígido protocolo. Estava já idoso e tinha dificuldade para se abaixar, mas chegando lá ele se ajoelhou, o abraçou e o beijou. Então eu também me ajoelhei para beijar o caixão (*mas a expressão não diz tudo... era mesmo beijar Chiara*). Foi como se um dique se tivesse rompido: todos começaram a cercar o caixão e beijá-lo... mas o de Bonaventura permaneceu o gesto único, do filho para com a mãe.

Também a mim ele amou sempre. Em uma das últimas cartas escreveu: “*Lembro de você, e o recordarei sempre com reconhecimento, e espero ter ainda a alegria de encontrá-lo pessoalmente. Esta manhã eu o confiei, de modo especial, a São Francisco. Um abraço!*”.

Padre Fabio Ciardi OMI

Evangelho vivido: **Problemas de fé**

Quando nasceu o nosso terceiro filho com a síndrome de Down, esta crueldade da natureza me pareceu um castigo pelas minhas infidelidades conjugais. Eu tinha vergonha de carregá-lo por aí e havia dentro de mim perguntas sem resposta. Porém na medida em que F. crescia, eu via nele uma bondade primordial, uma paz cósmica. Não sei qual relação pudesse haver com a minha fé problemática, mas lentamente adquiri outros olhos e, diria, um outro coração. Até mesmo o relacionamento em família mudou. A coisa estranha é que comecei a viver como um dom a condição de F. Não tenho mais problemas de fé e de dogmas. Tudo é graça. Por detrás do véu da incompreensão há uma verdade inocente e pura.

(D.T. – Portugal)



(tirado do Evangelho de hoje, Cidade Nova, ano VI, n.4, julho-agosto de 2020)



Parabéns, Danilo

Os 100 anos de Danilo Zanzucchi. Focolarino casado – um dos primeiros no rastro de Igino Giordani – Danilo bem cedo se tornará, com a esposa Anna Maria, o casal guia de Famílias Novas em nível mundial.

Chiara sempre teve uma predileção por aquele jovem engenheiro que, após ter edificado as suas primeiras importantes construções no norte da Itália (“ainda todas em pé” garante Danilo com orgulho), deixa uma promissora carreira para se mudar para a capital e colaborar em tempo integral como família para as finalidades do Movimento dos focolares. Mas a estima de Chiara Lubich por Danilo é sobretudo por ter sabido colher na sua totalidade, o carisma que o Espírito lhe entregara. Entre as suas primeiras funções, a colaboração na construção do Centro Mariápolis em Rocca di Papa, sede internacional do Movimento.



Focolarino casado – um dos primeiros no rastro de Igino Giordani – Danilo bem cedo se tornará, com a esposa Anna Maria, o casal guia de Famílias Novas em nível mundial, pondo em sintonia, nas décadas que se seguirão, uma tão inovadora quanto eficaz pastoral familiar apreciada em todas as latitudes pela rica espi-

ritualidade na qual se abebera e pela sua abertura às instâncias da contemporaneidade.

Danilo não passou despercebido nem mesmo pelos vértices eclesiais, impressionados pela sua brilhante presença, pelas suas competências, pela sua profunda interioridade. Presidente diocesano dos homens católicos na sua Parma (Itália), ao se mudar para Roma se tornará consultor e, sucessivamente, membro do Dicasterio do Vaticano para a família. Responsabilidades, estas últimas, que o viram, junto com Anna Maria, hóspede várias vezes da casa do papa Wojtyła e propagandista do serviço à família em transmissões televisivas inclusive em mundo visão. É o pontífice polonês que em uma sua visita (1984) ao centro internacional do Movimento, acolhido por Danilo, não hesitou em promovê-lo simpaticamente a “ministro das relações exteriores dos Focolares”. Uma colaboração que continuou inclusive com Bento XVI. Significativa a sua solicitação aos cônjuges Zanzucchi para que escrevessem o texto para uma das Vias Sacras (2012) no Coliseu de Roma, presidida por ele.

Danilo festeja os seus 100 anos tendo ao seu lado Anna Maria (90), os 5 filhos (dos quais dois focolarinos e dois focolarinos casados), os 12 netos e todo o mundo focolarino, em especial as inúmeras famílias dos vários continentes, das quais com Anna Maria foi exemplo, confidente, guia, permanecendo para cada uma, um ponto de referência amável e seguro. As suas condições psicofísicas continuam excelentes, apesar de que Chiara mesma, com todos nós, muitos anos atrás tivesse trepidado pela sua saúde, depois obviamente bem recuperada. Consegue ir à Missa quase todos os dias e não é raro vê-lo participar dos encontros periódicos do seu focolare e daqueles das famílias-focolare.

Talvez pelo desígnio especial do qual está investido, o Senhor o preservou também em dois fortes episódios da segunda guerra mundial. Ele mesmo conta que se não tivesse sido pelo providencial puxão de

um companheiro de armas que o jogou para longe, teria morrido debaixo de uma bomba que estava se estilhaçando exatamente onde ele se encontrava. Mais adiante, o que o salvou do fogo de um pelotão de execução já perfilado foi o seu conhecimento da língua alemã. Ainda hoje, para amenizar momentos um pouco complicados, pode acontecer que Danilo decida fazer saborear um dos seus míticos e ressoantes discursos naquela língua, suscitando bom humor em todos pelas várias licenças lexicais que se concede.

A gratidão do Movimento Famílias Novas inteiro por este século da vida de Danilo, toda doada a Deus e aos irmãos, vai à sua grande figura de homem. Homem de fé e de obras.

Obrigado, Danilo, por ser um gigante de retidão e de ternura, um exemplo de simplicidade e de sabedoria, uma têmpera de condutor e de artista: um santo da porta ao lado.

Obrigado também, Danilo, por nunca ter deixado, nem mesmo agora que você tem cem anos, de personificar aquela criança evangélica que desde sempre transparece do seu ser, do seu dizer, do seu refinado humorismo, das suas aquarelas, das inúmeras vinhetas frequentemente improvisadas em guardanapos de papel, que magistralmente capturam e exprimem o melhor que está em cada um dos protagonistas às quais são dedicadas. PARABÉNS, DANILO!

Do site Famiglie Nuove





Membros do Movimento que concluíram a sua vida terrena:

01 junho de 2020

Helene Adler - focolarina sposata da Áustria

17 junho de 2020

Mario Massa - focolarino casado da Portugal

20 junho de 2020

Rupert Liegenfeld - focolarino da Áustria

29 junho de 2020

Giorgina Quarello - focolarina da Itália

01 julho 2020

Fernando Guerrero - focolarino da Espanha

07 julho 2020

Hans Peter Jäger - sacerdote focolarino da Alemão

08 luglio 2020

Roswitha Schappacher - focolarina da Alemão

21 luglio 2020

Judá Goiz Durán - focolarino casado da México

27 luglio 2020

Mária (Marika) Dufincová - focolarina casada da Eslovaco

30 luglio 2020

Patrick van Bladel - focolarino da Suécia

01 agosto 2020

Padre Bonaventura Marinelli - OFM Cap - da Itália

22 agosto 2020

Lucio Dalla Fontana - sacerdote focolarino da Itália

Contribuições para o noticiário Mariápolis:

Prezados leitores, este noticiário em formato Pdf, que pode ser impresso, reúne os artigos mais importantes publicados na seção “Mariápolis” do site internacional do Movimento dos Focolares (www.focolare.org/mariapoli).

Vocês poderão baixá-lo do site ou receber por e-mail ativando a respectiva notificação.

*É um serviço **gratuito** do Departamento de Comunicação. Mas somos sempre gratos a quantos quiserem continuar a sustentar, inclusive economicamente, o nosso trabalho, contribuindo também assim para a difusão do Carisma da unidade.*

A redação

A ajuda econômica pode ser enviada por transferência bancária na conta corrente:

PAFOM – Noticiário Mariápolis

Unicredit Ag. di Grottaferrata (RM) - Piazza Marconi

IBAN: IT 94 U 02008 39143 000400380921

BIC: UNCRITM1404

O presente Noticiário Mariápolis em formato Pdf é uma seleção de notícias publicadas no site do Movimento dos Focolares - P.A.F.O.M. www.focolare.org/pt/mariapoli/

© Todos os direitos reservados